

A cidade em trabalho de parto

Tetê Catalão, indicado para o Conselho, quer reacender a inquietação cultural

Luis Tajés 23.09.88

Geraldinho Vieira

Subeditor do Caderno 2

O primeiro dia de trabalho da nova secretária de Cultura não foi de declarações públicas ou aparições estelares. Laís Aderne manteve um certo afastamento da imprensa e pareceu mais preocupada em reunir-se com a organização da Casa de Cultura da América Latina e do Festival Latino Americano de Arte e Cultura. Afinal, sua posse na Secretaria vai acabar imprimindo novos rumos à organização do Festival e à própria coordenação da Casa.

Na quinta-feira, entretanto, quando anunciada pelo governador Joaquim Roriz como nova secretária, Laís Aderne confirmou sua opção pelo nome do jornalista e poeta **Tetê Catalão** para a presidência do **Conselho Provisório de Cultura**, entidade que em primeira e última instância irá encarregar-se de estabelecer os princípios fundamentais da nova política cultural, além de exercer uma espécie de meio de campo entre a Fundação Cultural do DF e a Secretaria.

Tetê Catalão está na Bahia, trabalhando até o próximo dia 15 nas filmagens de um vídeo (**Parque Nacional da Chapada Diamantina — Lençóis**) e de um curta-metragem em 35 mm (**O Último Homem das Cavernas**, sobre a vida do garimpeiro Riachão, em Igatu, também sertão baiano) — produções da TVE do Estado da Bahia com direção de Jorge Felipe e Pola Ribeiro.

Tetê ainda não havia falado com a secretária Laís Aderne quando foi entrevistado pelo **Jornal de Brasília**: **Jornal de Brasília — É impossível não querer saber de você, antes de tudo, o que pensa sobre atuar ao lado de Marlos Nobre.**

Tetê Catalão — É uma situação no mínimo constrangedora a atitude assumida pelo maestro. Sua insistência em permanecer na Fundação Cultural chega às raias do surrealismo. Ele é um maestro que não se toca. Ele teve um amplo tempo para demonstrar sua vocação autocrática, enquanto toda a linha de trabalho determinada pelas reflexões e pelo documento do GT de Cultura é descentralizadora e democrática. A postura do maestro é incompatível com nossos princípios.

— **Mas você, o Conselho de Cultura, e a secretária Laís Aderne irão trabalhar sob exercício de convivência. Até que ponto você vê obstáculos ao trabalho que se pretende imprimir?**

— O Conselho (que nasce provisório para criar, aí sim, sua efetivação de direito) tem uma função normativa, mas com claras interferências no plano executivo. Ele sugere e determina medidas práticas. Entre outras, é claro citar por exemplo o que o próprio documento do GT reflete, como a reinauguração das assessorias específicas para cada área do fazer artístico e cultural (desintegradas pelo maestro); a instalação de uma comissão de pauta que não permita o exercício autoritário da prestação de serviços à mercê das vaidades e preferências pessoais de quem quer que seja; e, uma modificação profunda no próprio Conselho Deliberativo da Fundação Cultural. Estas medidas irão acabar com o superpoder e permitir que as ações se façam de acordo com a real vontade da comunidade. As assessorias irão irrigar um corpo que está deteriorado. Na verdade, o dia-a-dia da função executiva é determinado pelas assessorias, pelo Conselho e pela Secretaria. O diretor da Fundação Cultural terá como função evitar o caos administrativo. Outra função importante do conselho será exatamente o de interligação entre a FCDF e a Secretaria, e destes departamentos com suas diversas assessorias.

— **A cidade ainda não digeriu bem a permanência de Marlos Nobre, e ainda reflete sobre sua aceitação, e sobre a aceitação da pro-**



Tetê: "Temos de reativar a relação entre educação e cultura. O Conselho será provocador"

fessora Laís Aderne uma vez que o maestro continua em seu cargo.

— Nós não estamos negociando nada, não estamos cedendo. Se não houve vitória — porque de fato esta situação faz com que as coisas se desenvolvam de maneira tímida —, não podemos com certeza jogar fora toda a reflexão que fizemos a partir dos seminários e assembleias da classe, ou do Grupo de Trabalho da Cultura.

— **Alguns integrantes do GT chegaram a declarar que tinham uma sensação de "perda de tempo" por terem feito tanto e o maestro ainda continuar no cargo.**

— O tempo que perdemos não foi o tempo em que estivemos juntos no GT ou nas assembleias. O tempo que perdemos foi todo o tempo de gestão isolada e autocrática de Marlos Nobre. Essa indignação teria mais razão de ser se tivesse sido expressada antes. Não temos outra alternativa senão continuar lutando. Temos ainda um espaço digno... ou iríamos para casa ver quem matou Odete Roitman. Marlos Nobre era uma carta marcada que todos nós conhecíamos. Quando foi preciso, expressamos nosso repúdio à atuação do maestro, mas nossa missão maior está na elaboração dos princípios para uma política cultural... e estes princípios estão traçados, e bem traçados, no documento do GT e no documento que resume as reflexões da classe

artística em seminários e assembleias.

— **Não há razão para que você e Laís sintam-se constrangidos?**

— Não. Quem tem que estar constrangido é o Marlos Nobre. Eu estou na minha cidade, Brasília e meu **dharma** não é meu **kharma**. O intruso não sou eu. Se uma situação constrangedora há de ficar insuportável, que seja assim para ele e não para nós. Não podemos deixar de lembrar que não houve uma revolução no País, que não houveram eleições...

— **Vamos falar um pouco então da revolução. Qual é o perfil do Conselho assim como você o enxerga agora?**

— No início teremos que trabalhar com uma malha puramente técnica para a formalização de algumas reivindicações do GT, onde inclui-se a eleição de nove membros conselheiros em assembleias comunitárias, e a própria estrutura jurídica do conselho, que ainda não existe. Penso que a estrutura do Conselho de Educação pode nos ser um bom exemplo, porque é uma estrutura moderna que institui inclusive assessorias técnicas fundamentais. A Educação é o outro lado da nossa moeda. Temos que reativar a relação entre Educação e Cultura, uma relação mais política que vê cultura como um processo. Vamos resgatar esta distância a que foram obrigadas as duas áreas.

— **Qual seria o perfil ideal das**

personas que poderão dar a este Conselho de Cultura uma prática à altura do que se pretende?

— É preciso que se valorizem ao mesmo tempo as pessoas e as entidades. O Conselho não pode ser um arranjo sindicalista, como também não pode ser uma coisa meramente filosófica. Eu gostaria de ver envolvidas neste processo pessoas como o índio Marcos Terena, o bruxo Raul de Xangô, o antropólogo Olímpio Serra, o jornalista Reynaldo Jardim, o professor Cristovam Buarque, o pesquisador Luis Gonzaga Scortecchi, Nazareth Pedrosa (da Unesco), o professor Luis Humberto, a professora Maria Duarte; enfim, pessoas que tragam a expressão do indivíduo, do pensador, e também pessoas que tragam a militância política, sindicalista. Aliás, é assim que vejo o perfil de um novo Brasil, com a militância organizada e a contribuição filosófica. Cultura não é um caldo homogêneo. Ao contrário, temos que trabalhar com a inquietação, com as contradições, não pode ser "uma ação entre amigos". A idéia que temos do conselho é a de um organismo provocador, que acompanhe o cotidiano e que tenha uma função determinante sobre ele. Não será nunca um grupo acadêmico. É uma espécie de produtor do karaokê, onde todos se expressam, se experimentam e experimentam suas vocações. A cidade vai entrar em trabalho de parto.